

Editorial

É com muita satisfação que apresentamos este novo volume de *Música Popular em Revista*, que marca o primeiro ano de atuação de nosso periódico. Esperamos ter contribuído para ampliar o debate sobre a música popular no âmbito acadêmico e desejamos que o mesmo aconteça com este novo número que ora publicamos.

O volume se inicia com três textos que trazem contribuições metodológicas para o estudo da música popular. O primeiro, de autoria de **Martha Tupinambá de Ulhôa**, detém-se sobre a canção “Noite serena” em duas versões, sendo uma interpretada pelo cantor Bahiano e outra por Mário Pinheiro, ambas registradas nos primórdios da gravação sonora no Brasil. Objetivando comparar aspectos interpretativos dessas duas gravações, a autora trabalha com *softwares* que conseguem registrar o espectro e a amplitude do som, o ataque e o corte das notas, para assim destacar as peculiaridades de um e outro cantor. Complementarmente, o artigo apresenta um amplo debate com a musicologia, refletindo sobre as ferramentas comumente utilizadas nessa subárea dos estudos musicais e seu uso na análise da música popular gravada.

Felipe Pessoa e **Ricardo Dourado Freire** discutem o estudo do choro tendo como parâmetro os fonogramas. Nesse sentido, estabelecem também um diálogo com a musicologia e buscam ampliar suas ferramentas para poder lidar com a música gravada. Para isso, os autores convocam o conceito de *performance* conforme proposto pelos estudos de Paul Zumthor sobre a poesia na Idade Média, bem como as recentes pesquisa de Nicholas Cook e seus colaboradores do *Centre for the History and Analysis of Recorded Music*, no intuito de trazer novas possibilidades às análises de gravações. Munidos desse escopo teórico e metodológico, Pessoa e Freire analisam fonogramas do choro, atentando para as relações que se estabelecem entre os aspectos estilísticos e interpretativos com diferentes tecnologias de gravação sonora que se desenvolveram no século XX.

Por sua vez, o artigo de **Paulo José Tiné** traz propostas metodológicas para a música popular improvisada. O autor estuda a improvisação de Miles Davis sobre o tema “So What”, gravado no disco *Kind of Blue*, de 1958. Tiné aplica processos de redução melódica ao solo de Davis, retirando dele a parte rítmica, o que o leva a atentar para o material harmônico-melódico empregado pelo instrumentista na construção de sua improvisação. O artigo ainda dialoga com as teorias de George Russell e discute o modo como o modalismo é empregado no *jazz*.

Na sequência, **Sandra Ciocci** e **Ney Carrasco** trazem ricos detalhes sobre as comédias musicais da Companhia Atlântida Cinematográfica e sobre os cantores do rádio que atuaram nessas produções, com destaque para Emilinha Borba, Adelaide Chiozzo, Dóris Monteiro e Francisco Carlos. Os autores mostram de que maneira as canções passaram a ter um papel cada vez mais central na narrativa do filme a ponto de, em muitos casos, os cantores tomarem o espaço dos atores, tornando-se os protagonistas nas telas. Suas análises contemplam aspectos bastante diversificados, atentando para a articulação entre as canções e a narrativa do filme, para questões técnicas impostas pelos equipamentos que a companhia possuía e para a relação dessa nova forma de entretenimento popular com outras que lhe precederam, especialmente o Teatro de Revista.

José Roberto Zan apresenta um rico panorama sobre a chegada do rock no Brasil, detendo-se na produção dos artistas associados à Jovem Guarda. O autor enfatiza as relações entre esse repertório e um conjunto de mudanças sociais e culturais da década de 1960, como o surgimento da figura do *teenager* e a formação de uma “sociedade de massa”. Zan também analisa, de maneira ainda mais minuciosa, a trajetória de Roberto Carlos, enfatizando sua passagem do iê-iê-iê para a canção romântica, entendendo tal transformação como uma expressão da força que a música popular romântica possui no Brasil.

O artigo de **Mara Favoretto** contempla a produção do roqueiro argentino Charly García durante governo militar em seu país. Sua investigação se dedica às alegorias presentes no repertório do cancionista – e, por extensão, em boa parte rock nacional, inclusive por consistir numa estratégia para driblar a censura do período. Analisando os discos *La máquina de hacer pájaros* (1976), *Películas* (1977), *Serú Girán*

(1978), *La grasa de las capitales* (1979) e *Bicicleta* (1980), a autora mostra que as alegorias não só se referiam à situação política da época em que foram compostas, mas que ainda, ao serem revisitadas, permitem novas associações.

Por fim, **Lucas Tomás de Souza** analisa a construção da imagem do cantor Raul Seixas. Para isso, o autor conjuga as letras das canções de Raul Seixas com suas performances, entrevistas, um amplo material da crítica musical e dados sobre o mercado musical do período. Diante desse conjunto de informações, o artigo mostra de que maneira o roqueiro foi se transformando naquele *personagem* “Maluco Beleza”, que se tornou indissociável de sua música.

Esperamos que os artigos possam ser úteis e agradáveis! Boa leitura!

Os editores,

Prof. Dr. Rafael dos Santos (UNICAMP)
Prof. Dr. Luiz Otávio Braga (UNIRIO)
Campinas, dezembro de 2013